



O PEDALAR NA EDUCAÇÃO FÍSICA: EXPERIÊNCIAS SOBRE O MOVIMENTO, MEDOS E QUESTÕES DE GÊNERO.

Iago Amaro de Moraes¹

Rute Estefani Rodrigues Galdencio²

Manoela de Castro Marques Ribeiro³

Luciana Venâncio⁴

Resumo

Este trabalho situa uma ação de ensino orientada por estratégias de variação de conteúdos nas aulas de educação física. O presente trabalho objetiva relatar as vivências enquanto bolsistas do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência da Universidade Federal do Ceará (PIBID-UFC), no curso de Educação Física, com foco na inserção da bicicleta como conteúdo pedagógico. A proposta foi realizada na Escola Estadual de Educação Profissional Maria Ângela da Silveira Borges, com atividades práticas em uma praça, usando a localização da escola, próxima à Praia do Futuro. Metodologicamente o trabalho de natureza qualitativa e participante aponta que a escolha da bicicleta permitiu discutir aspectos da aptidão física, a sustentabilidade, mobilidade urbana e o uso da cidade como espaço educativo. As aulas ocorreram no mês de maio de 2025, com a participação de turmas do 3º ano dos cursos técnicos (Petróleo e Gás, Informática, Administração e Portos), selecionadas por sua maior vivência escolar. A adesão dos(as) alunos(as), demonstrou o interesse dos(as) estudantes por práticas inovadoras e fora do modelo tradicional. Um formulário avaliativo foi aplicado para que os(as) discentes compartilhassem suas vivências, indicando se já sabiam pedalar, como se sentiram durante as aulas e se em algum momento se sentiram constrangidos(as). Os resultados destacaram que a experiência revelou o quanto a educação física é rica em possibilidades pedagógicas. A bicicleta, muitas vezes ignorada no contexto escolar, mostrou-se um conteúdo que dialoga com o cotidiano dos discentes, promove autonomia e amplia o entendimento do corpo em movimento. Considera-se a importância de propostas que rompam com um ensino engessado e destaquem o papel da educação física como campo amplo, crítico e ligado às realidades dos(as) estudantes

Palavras-chaves: Inclusão, PIBID, Ensino Médio.

Introdução





O pedalar é uma atividade sustentável, acessível e rica culturalmente, que contribui para além da mobilidade urbana, auxiliando a saúde física e emocional de quem anda de bicicleta.

Segundo Martins e Rodrigues (2021), a utilização da bicicleta no contexto escolar pode ser compreendida como prática cultural que promove não apenas a mobilidade urbana, mas também o desenvolvimento de aspectos relacionados ao lazer, à saúde e à consciência ambiental. No contexto escolar, a aprendizagem pode representar uma grande conquista para o discente. Esse processo envolve não só o saber andar de bicicleta, mas também experiências anteriores, questões de gênero, apoio familiar e sentimentos despertados pela prática. É importante gerar reflexão sobre quem aprende, como aprende e quais emoções estão envolvidas nesse processo.

O atual trabalho tem como objetivo analisar criticamente a vivência de aulas de bicicleta com discentes do ensino médio, levando em consideração as aprendizagens prévias, os sentimentos durante as aulas e a influência do gênero. Buscando compreender quem sabia ou não andar de bicicleta antes da prática, quem aprendeu dentro desse processo na escola, de que forma essa aprendizagem aconteceu e promover reflexão sobre as desigualdades de acesso à experiência pelos próprios estudantes. Pois, o aprender a andar de bicicleta, especialmente na fase da adolescência e/ou adulta, é mais que aquisição de uma habilidade motora, pode ser também uma conquista pessoal significativa rica no contexto pessoal de cada ser. Essa fase de aprendizagem é intrinsecamente influenciada por experiências passadas, ou pela falta delas, pelo molde que a sociedade coloca por conta do gênero. Por conta disso, há a importância de problematizar criticamente, quem tem acesso a tais vivências? quais sentimentos foram despertados? Como seu gênero pode influenciar positivamente ou negativamente o acesso a vivências corporais?

Nesse contexto, compreender como o gênero influencia o acesso e a participação nessas vivências corporais exige considerar também fatores socioculturais que moldam a vida cotidiana. A análise de gênero no acesso às experiências corporais, como a aprendizagem do uso da bicicleta, mostra que as condições de participação não se limitam a aspectos individuais, mas estão fortemente ligadas a estruturas sociais mais amplas. Lemos et al.





(2017) destacam que as mulheres realizam, com maior frequência que os homens, deslocamentos destinados a servir passageiros — prática frequentemente associada à divisão sexual do trabalho doméstico. Isso ocorre porque, historicamente, o cuidado com a família e as tarefas domésticas recaem de forma desproporcional sobre as mulheres, que acumulam jornadas de trabalho remunerado e não remunerado. Como consequência, muitos dos seus

deslocamentos são motivados pela necessidade de levar filhos à escola, acompanhar familiares idosos a consultas médicas ou atender outras demandas relacionadas ao cuidado, reduzindo o tempo disponível para atividades de lazer e para experiências corporais voltadas ao autocuidado e ao desenvolvimento pessoal. No contexto escolar, essa realidade pode impactar diretamente a relação das estudantes com a prática da bicicleta, uma vez que, ao longo da vida, elas podem ter tido menos oportunidades de experimentação e aprendizagem dessa habilidade. Além disso, a internalização de papéis de gênero, desde a infância, contribui para que muitas meninas sejam desencorajadas a participar de determinadas práticas corporais, seja pela falta de incentivo familiar, pela ausência de modelos femininos de referência ou por barreiras culturais que associam a bicicleta e outras atividades físicas predominantemente ao universo masculino. Essas desigualdades estruturais, reforçadas por normas sociais, fazem com que o simples ato de aprender a pedalar, quando acontece na adolescência ou na vida adulta, adquira um significado ainda mais profundo, representando não apenas a conquista de uma habilidade motora, mas também a superação de barreiras simbólicas e práticas impostas ao longo da trajetória de vida. Compreender essas dinâmicas é fundamental para problematizar as condições de acesso a experiências corporais no ambiente escolar e para propor estratégias pedagógicas que incentivem a participação equitativa, garantindo que meninas e meninos possam vivenciar plenamente o potencial emancipador que práticas como o ciclismo podem proporcionar.

Metodologia

Tal pesquisa se caracteriza com uma abordagem qualitativa, de caráter descritivo, onde foram utilizados dois instrumentos: questionário com 7 perguntas (Qual a sua turma?, Com





qual gênero você se identifica?, Você já sabia andar de bicicleta? Quem lhe ensinou?, Caso não soubesse, aprendeu durante a aula?, Como foi seu processo de aprendizagem? Explique se caiu, se utilizou rodinhas..., Como você se sentiu durante a aula?, Em algum momento você sentiu que seu gênero influenciou a forma como as pessoas te ajudaram ou te trataram durante a atividade? Justifique.), O questionário foi aplicado posteriormente às aulas de bicicleta e observações realizadas durante as aulas práticas com alunos/as dos terceiros anos do ensino médio das turmas de portos, petróleo e gás, administração e informática. Os dados obtidos

foram sistematizados e analisados através das observações e das respostas voluntárias dos/as alunos/as.

O primeiro momento da organização pedagógica das aulas consistiu na identificação dos/as alunos/as que não sabiam andar de bicicleta. A partir desse levantamento, a professora passou a utilizar sua própria bicicleta como recurso pedagógico para ensinar os/as estudantes iniciantes. Foram destinadas quatro aulas a essa prática. Enquanto parte da turma permanecia na quadra jogando bola, a professora acompanhava no pátio os/as alunos/as que estavam em processo de aprendizagem.

Com o objetivo de favorecer a autonomia e a segurança dos/as estudantes, o selim da bicicleta foi ajustado à altura mínima, permitindo que os/as alunos/as apoiassem os dois pés no chão. A primeira etapa do processo consistia em orientar os/as estudantes a, com os dois pés no chão, impulsionar a bicicleta e tentar manter o equilíbrio pelo maior tempo possível, ainda sem pedalar. Essa fase visava desenvolver a noção de equilíbrio sobre a bicicleta.

No segundo momento, a professora identificava junto ao/à estudante qual era o pé de apoio mais confortável para iniciar a pedalada, explicava o uso dos freios e auxiliava a estabilização segurando a parte traseira do selim. Essa ação era repetida diversas vezes, até que o/a estudante demonstrasse maior domínio do equilíbrio. Progressivamente, a professora ia soltando o selim durante a pedalada, até que o/a aluno/a conseguisse se deslocar de forma independente.



Referencial teórico:



A análise das vivências práticas ciclisticas com o olhar escolar demanda uma visão crítica em relação às referências que dialogam com tal atividade, pois é importante compreender a tamanha complexidade que engloba o instrumento escolhido para ser o objeto pedagógico para as turmas selecionadas, como contextos socioculturais, socioeconômicos, afetivos, gênero e políticas corporais.

A bicicleta como um instrumento de mobilidade urbana, também se encaixa como uma prática cultural, capaz de integrar aspectos educacionais, sociais, afetivos e ambientais.

Como apontam Martins e Rodrigues (2021), sua introdução dentro do contexto escolar vai

para além do exercício físico, mas também favorecendo o lazer, saúde e consciência ecológica.

O aprender a pedalar envolve memórias afetivas, estímulo familiar e contexto de gênero, o que pode ser diretamente impactante pela forma como o discente se apropria de tal habilidade. Freire (1996) adiciona ao tema por destacar a educação como um ato político, com afetos, escolhas e significados e que o respeito por cada história individual é peça importante para o exercício pedagógico emancipador.

Para além disso, é importante entender as desigualdades sobre o acesso às práticas corporais como manifestações da sociedade destacada por distinções de classes, gêneros e oportunidades. As vivências com a bicicleta podem explicitar estereótipos sobre “quem deve” ou “não deve” praticar, revelando a importância da equidade dentro da nossa realidade.

Segundo Ribeiro (2024), é importante garantir que todos/as tenham acesso igualitário às atividades de aventura, independentemente de sua origem socioeconômica, raça, gênero ou habilidade física, desenvolvendo aulas não apenas sobre habilidades técnicas de aventura, mas que também abordam questões sociais relevantes, como gênero, preservação ambiental, justiça racial e trabalho em equipe. O que evidencia a importância de todos/as terem acesso às práticas corporais, independente de suas singularidades.





Para Venâncio (2022), as interseccionalidades de gênero e raça problematizam quais corpos são considerados ‘adequados’ ou ‘esperados’ em algumas práticas corporais, explicitando estereótipos normativos que naturalizam exclusões.

Já para Rocha (2023), o acesso das garotas a algumas práticas corporais é historicamente atravessado por construções sociais de gênero que fragilizam sua participação nesses espaços. A autora destaca que muitas meninas crescem sem estímulo e/ou apoio para experimentar atividades marcadas pela exposição ao risco, o que reforça desigualdades e limita o desenvolvimento de suas habilidades motoras e da autonomia corporal.

Com isso, esse referencial teórico pretende dar suporte à análise crítica das vivências corporais no ambiente escolar, compreendendo o processo carregado de significados socioculturais, afetivos e políticos.

Resultados

A partir da análise dos questionários aplicados e das observações realizadas durante as aulas, foi possível identificar aspectos significativos relacionados ao processo de aprendizagem da prática de pedalar, atravessados por questões de gênero, acesso e experiências anteriores. Os dados revelam não apenas quantos alunos/as possuíam ou não familiaridade com a bicicleta antes das aulas, mas também apontam para desigualdades que refletem construções sociais mais amplas, como o papel da família na iniciação às práticas corporais e as barreiras enfrentadas principalmente pelas meninas. A seguir, serão apresentados os principais resultados obtidos, com destaque para os relatos dos/as estudantes, suas vivências durante as aulas e as implicações pedagógicas e sociais que emergem dessas experiências.

Ao total, 166 alunos responderam nosso formulário, sendo 95 meninas e 71 meninos, onde 24 discentes não tinham o conhecimento prévio de pedalar, 21 alunas e 3 alunos. Após a prática, todos os meninos e 17 meninas conseguiram andar de bicicleta, e 4 garotas não conseguiram o aprendizado.





Quem já sabia andar relatou que aprenderam com familiares durante a fase da infância, majoritariamente pais ou irmãos foram quem ensinaram. Este processo, através dos relatos, foi repleto de quedas, medos, mas também entusiasmo e prazer quando aprenderam. Esse dado demonstra papel familiar como facilitador da aprendizagem e evidencia a falta de acesso anterior por parte das meninas, muito por conta da cultura enfraquecedora para com o gênero feminino.

Como argumentam Nepomuceno e Monteiro (2019), As mulheres surfistas são vistas mais como objeto de desejo e posse, do que como atletas ou praticantes da modalidade, refletindo um contexto sociocultural que também pode ser observado em outras práticas corporais, como o pedalar. Já Rocha (2023) argumenta que, mesmo com o risco e a dor presentes no processo de aprendizagem em parte das práticas corporais, as meninas enfrentam também uma vigilância social marcada pelo gênero, que restringe suas vivências e a liberdade de explorar essas atividades.

Durante nossas aulas, os sentimentos presentes foram alegria, medo, prazer e nostalgia. Ribeiro (2024), dialoga que as práticas corporais de aventura nas aulas de Educação Física escolar provocam nos estudantes sentimentos diversos, como entusiasmo, superação de medos e prazer ao vivenciar atividades fora do tradicional, contribuindo para o engajamento e

o desenvolvimento pessoal e coletivo dos discentes. Os estudantes expuseram entusiasmo ao realizar uma atividade fora do tradicional no contexto escolar.

Acerca da pergunta sobre gênero, a maioria afirmou não ter sentido diferença na forma como as aulas foram realizadas. Expressando que apesar do começo, alguns alunos e alunas não soubessem pedalar (sendo a maior parte de garotas), o ambiente e os colegas contribuíram para práticas mais equitativas, assim promovendo inclusão e desenvolvimento.

A mobilidade feminina nos espaços públicos sempre foi marcada por disputas simbólicas, culturais e estruturais que refletem e reforçam as desigualdades de gênero historicamente construídas. O simples ato de se deslocar com autonomia, seja para o trabalho, lazer ou aprendizado, representa para muitas mulheres uma forma de resistência ao controle dos corpos e da circulação imposto pelo patriarcado. Dentro desse cenário, o aprendizado do





uso da bicicleta vai além do domínio de uma habilidade motora: ele é também uma experiência política, afetiva e libertadora.

Lemos et al. (2017) destacam que a ampliação da mobilidade das mulheres tem um potencial transformador ao confrontar a ideologia do “dualismo familiar”, estrutura que restringe a mulher ao espaço privado e aos cuidados domésticos, enquanto naturaliza a presença masculina nos espaços públicos, livres e expansivos. Nesse sentido, quando uma menina aprende a pedalar e começa a circular pelo mundo sobre duas rodas, há uma ruptura, ainda que sutil, nesse modelo hegemônico de gênero. A bicicleta, assim, torna-se símbolo de liberdade, autonomia e protagonismo.

Em nosso contexto, a mobilidade é profundamente impactada por recortes interseccionais como classe social, cor, etnia, escolaridade, local de moradia e construções morais e religiosas. Esses elementos operam como barreiras reais ao acesso das meninas a práticas corporais como o ciclismo. Isso foi evidenciado em nossas vivências escolares, onde a maioria dos estudantes que não sabiam pedalar eram meninas, muitas vezes sem apoio familiar anterior ou sem espaços adequados para a prática.

A ausência de estímulo e incentivo desde a infância revela como a restrição da mobilidade feminina é também um processo silencioso, que limita a autonomia desde cedo. A escola, nesse cenário, torna-se um espaço privilegiado para o enfrentamento dessas

desigualdades, ao oferecer oportunidades que nem sempre estiveram presentes fora dela. Ao vivenciar experiências como a aprendizagem do pedalar, as alunas não apenas desenvolvem habilidades motoras, mas também constroem sentidos de pertencimento, autoestima e superação, rompendo com as amarras simbólicas. Portanto, ao promover práticas corporais que valorizem a equidade e reconheçam as desigualdades estruturais, a Educação Física pode desempenhar um papel fundamental na reconstrução de subjetividades e na expansão das liberdades individuais.



Buscando o melhor entendimento do que foi nossa prática, optamos por selecionar algumas imagens para demonstrar alguns passos dessas aulas.

Espaço para os registros feitos

Figura 1- Processo de aprendizagem



Figura 2 - Aluno mostrando sua habilidade





Figura 3- Turma esperando bicicleta



Figura 4- Fotografia após a prática



Considerações finais

Essas aulas de bicicleta se mostraram um importante instrumento de aprendizagem. Onde os dados revelaram que a maioria dos estudantes que no início não sabiam pedalar eram meninas, reforçando a importância de evidenciar questões de gênero nas aulas de educação física escolar. Ainda assim, as aulas se mostraram um ambiente acolhedor e igualitário, enriquecendo o aprendizado para os discentes.

As aulas promoveram a superação de medos, empatia por parte dos/as alunos/as, mostrando a importância que a educação física pode ser um objeto de estudo para promover diálogos sobre diversidade e promover o desenvolvimento integral.

REFERÊNCIAS

LEMOS, Letícia Lindenberg et al. Mulheres, por que não pedalam? **Por que há menos mulheres do que homens usando bicicleta em São Paulo, Brasil?** São Paulo: Observatório da Bicicleta, 2016. Disponível em:

<https://observatoriodabicicleta.org.br/uploads/2020/02/Mulheres-Bici-SP-Let%C3%ADcia-Lemos-et.pdf>.





MARTINS, Leonardo Pereira; RODRIGUES, Juliana Lisboa. O ato de pedalar e a flexibilidade cognitiva em sala de aula. **Cenas Educacionais**, v. 12, n. 2, p. 281–308, 2021.

MARTINS, C. J., & Rodrigues, G. S. Pedalando para a escola como uma alternativa equilibrada de transporte: uma revisão sistemática. **Revista Educação e Linguagens**, v. 10, n. 20. 2021.

NEPOMUCENO, Léo Barbosa; MONTEIRO, Nathália da Silva. Desigualdades de gênero no esporte: narrativas sobre o lugar da mulher no surfe. **Revista Brasileira de Psicologia do Esporte**, v. 9, n. 2, p. 1–15, 2019. Disponível em: <https://portalrevistas.ucb.br/index.php/RBPE/article/view/10175>.

FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia**: Saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra. 1996.

RIBEIRO, M. C. M. **Práticas Corporais de Aventura no Ensino Médio**: implicações à justiça social nas aulas de educação física. Orientador: Luiz Sanches Neto. 2024. 149 páginas. Dissertação (Mestrado Profissional em Educação Física em Rede Nacional – ProEF) – Instituto de Educação Física e Esportes - IEFES, Universidade Federal do Ceará - UFC, Fortaleza, 2024. Disponível em: <http://repositorio.ufc.br/handle/riufc/77381>. Acesso em: 01 ago. 2025.

VENÂNCIO, Luciana; CORSINO, Luciano Nascimento. Interseccionalidades étnico-raciais, de gênero e relação com o saber. **Cenas Educacionais**, Salvador, v. 5, n. 1, p. 1-7, jan./abr. 2022.

ROCHA, L. L. **"Respeita as mina"**: o ensino do skate na educação física escolar. 2023. 191 f. Tese (doutorado) - Universidade Federal do Ceará, Faculdade de Educação, Programa de

Pós-Graduação em Educação, Fortaleza- CE, 2023. Disponível em: <https://repositorio.ufc.br/handle/riufc/74455>. Acesso em: 02 ago. 2025.





¹Graduando do Curso de Educação Física da Universidade Federal do Ceará - UFC,
iagoamoraes@gmail.com;

²Graduando do Curso de Educação Física da Universidade Federal do Ceará - UFC,
jeilson.araujo@live.com;

³Mestra pelo curso de Educação Física da Universidade Federal do Ceará - UFC,
manoelaribeiro86@hotmail.com; ⁴

Doutora em Educação, Programa de Pós-Graduação em Educação da Unesp-Presidente
Prudente, luvenancio@ufc.br.

